



DOI:10.12957/transversos.2018.38664

CORPOS TRANSVIADOS, CORPOS FALHADOS: A ARTE *QUEER* DO FRACASSO NO DESPORTO¹

Ana Santos

Universidade de Coimbra
ana.fonseca.santos@gmail.com

Resumo:

A partir do lugar desafiante que corpos protésicos e corpos intersexo ocupam no desporto, proponho pensá-los como uma interrupção positiva na “normalidade”, com potencial político na criação de uma identidade híbrida que recusa o encaixe em categorias estanques, tanto de género como de corporeidades (capaz/incapaz, “normal”/ “deficiente”). Para referir-me a essa interrupção positiva faço uso de um conceito trabalhado pelo feminismo digital – *glitch* –, usado como metáfora dos erros em códigos binários, e situarei estes corpos transviados como lugares de resistência ao regime capacitista à luz da teoria *crip* desenvolvida por Robert McRuer e da teoria da arte do fracasso de J. Halberstam.

Palavras-chave: fracasso; prótese; intersexo; *glitch*; desporto.

Abstract:

Starting out from the challenging place that prosthetic bodies and intersex bodies occupy in sport, I propose to think of them as a positive disruption in "normality", with political potential in the creation of a hybrid identity that refuses to fit in tight categories, both of gender and corporeity (capable / incapable, "normal" / "disabled"). To refer this positive interruption, I borrow a concept appropriated by digital feminism – *glitch* –, used as a metaphor for errors in binary codes. I will consider these misplaced bodies as places of resistance to the ableist regime, anchored by the *crip* theory developed by Robert McRuer and the idea of the art of failure by J. Halberstam.

Keywords: failure, prosthesis, intersex, *glitch*, sport.

1. Introdução – Desporto para todos?

A instituição do desporto é um espaço sexualmente segregador e fortemente capacitista. Se ter um corpo musculado, forte e atleticamente excepcional é um padrão que se espera de um homem cisgénero sem deficiência, quando esse padrão está presente numa atleta designada do sexo feminino ou com deficiência, a sua identidade sexual e o seu corpo são colocados sob escrutínio, com suspeitas de *doping*, de uma masculinidade biológica² errante no corpo

¹ A investigação que informou este artigo foi financiada pelo European Research Council, através do seu 7.º programa-quadro (FP/2007-2013)/ERC Grant Agreement "INTIMATE – Citizenship, Care and Choice: The Micropolitics of Intimacy in Southern Europe" [338452].

² Designo por masculinidade biológica aspetos constituintes da biologia humana que são tradicionalmente associados à ideia de sexo masculino. Especificamente para este texto, interessa: a testosterona, hormona que,

“feminino”, ou de ajudas externas que possam colocar x atleta em vantagem. Neste trabalho debruço-me sobre o corpo transviado, aquele que se desvia do caminho “reto”, o corpo transgressor dos padrões hegemónicos corporais e de sexo, com especial enfoque em corpos protésicos e corpos intersexo, para explorar de que forma pode aquilo que é comumente designado de “aberração”, “deformidade”, “incapacidade”, pode ser uma interrupção positiva na “normalidade”. Questiono de que forma pode o corpo protésico ser interpretado como um corpo “fracassado” com potencial político na criação de uma identidade que, não sendo o padrão de identidade masculina também não o é da identidade feminina, tão-pouco identidade humana, mas antes uma identidade híbrida que escapa a essas dicotomias e perturba o regime capacitista cisgénero. Escolhi debruçar-me sobre o desporto uma vez que este território, para além de ser um dos palcos onde os corpos mais se modificam, consequência da estimulação muscular específica que cada modalidade provoca pela repetição de movimentos, complementada com a suplementação alimentar e/ou *doping*, é um dos locais onde as dicotomias de género e de corpo capaz/incapaz mais se acentua, com o seu apogeu no maior evento desportivo do mundo, as Olimpíadas, sendo estas divididas em competições masculinas e competições femininas e em Jogos Olímpicos e Jogos Paralímpicos. As competições paralímpicas são o mais alto nível daquele que é designado desporto adaptado ou desporto para pessoas com deficiência, e nelas apenas participam pessoas com deficiências físicas e intelectuais. Note-se que na designação das competições olímpicas não é feita qualquer referência a pessoas sem deficiência. Isto significa que as competições olímpicas são o padrão, acometendo as paraolímpicas a uma definição por contraste, que necessita de especificar o seu carácter “especial”. Daí que o desporto paralímpico seja um desporto “adaptado”, porque se o desporto é pensado para pessoas com determinadas variações funcionais, esse mesmo desporto tem de ser alterado, adaptado, para que pessoas com diversidade funcional possam nele participar.³ O mesmo ocorre com as competições masculinas e femininas. O padrão são competições masculinas em oposição às femininas que ocorrem como que num lance de interrupção da “normalidade”. A título de exemplo, as competições da mais alta liga de

apesar de produzida tanto nos ovários como testículos, é associada à masculinidade por influenciar o desenvolvimento de características sexuais secundárias tidas como masculinas; e a composição cromossomática XY, também associada ao sexo masculino, apesar de pessoas designadas do sexo feminino à nascença poderem ter um cromossoma Y.

³ Para explorar esta questão da organização do mundo para determinados corpos vale a pena visitar o conceito de *misfit* de Garland-Thomson (2004), onde é explorada a incapacidade da sociedade em acolher a diversidade corporal.

basquetebol nos Estados Unidos são designadas por NBA (*National Basketball Association*), para a competição masculina, e WNBA (*Women's National Basketball Association*) para a competição feminina, com o devido acrescento da designação de género (*women*). Esta distinção pode encontrar justificação histórica no facto de a maioria dos desportos terem surgido com o objetivo de uma participação preconizada apenas por um determinado sujeito – sexo masculino.

A inclusão das mulheres nos Jogos Olímpicos modernos, que tiveram início em 1896, foi feita de forma gradual. Acreditava-se que estas eram demasiado fracas para participar em competições desportivas e que o exercício físico intenso podia causar-lhes danos, inclusive retirar-lhe a capacidade reprodutiva.⁴ Daí que a participação de mulheres nas várias modalidades olímpicas tenha sido feita de forma gradual. Por exemplo, no ano de 1900 abriram competições femininas para ténis e golf. Mais tarde, em 1984 as mulheres puderam participar em maratonas, em 1996 houve pela primeira vez competições femininas de futebol, e rugby feminino apenas em 2016 (Durantez, 1976). Esta exclusão histórica das mulheres no desporto tem repercussões até aos dias de hoje. Olhando os dados estatísticos de Portugal, temos que, em 2016, do número total de pessoas inscritas em algum desporto federado, apenas 28.5% são do sexo feminino (FFMS, 2018). No que respeita ao desporto federado adaptado, não existe um acervo de dados estatísticos mas sabe-se que dxs 200 atletas inscritxs na Associação Nacional de Desporto para a Deficiência Motora, apenas 17 são do sexo feminino (Monteiro, 2012: 34), e isto não se deve à inexistência de mulheres com deficiência motor; em 2001, 1,3% da população feminina entrava na categoria de deficiência motora, sendo a incidência um pouco mais elevada no sexo masculino, com 1,8% (Monteiro, 2012: p. 6). O precário incentivo ao desporto feminino afeta todas as mulheres, com ou sem deficiência, mas a dupla discriminação que mulheres com deficiência estão sujeitas, por serem mulheres e por terem deficiência (Santos e Santos, 2017), remete-as para uma posição ainda mais vulnerável: se não se espera que uma mulher pratique desporto, menos se vai esperar se essa mulher tiver algum tipo de diversidade funcional.

2. *Glitch* – “não se nasce um corpo, torna-se um corpo”

O termo *glitch* surgiu nos anos 1960 no contexto de sistemas tecnológicos para designar

⁴ Atualmente alguma literatura que sugere que exercícios físicos intensos podem comprometer a capacidade reprodutiva de mulheres (Hakimi e Cameron, 2017) e homens (Hwang e Guo, 2018).

o momento em que acontece um erro no processo de transferência de informação. Esta falha no sistema acontece devido a uma ocorrência nos códigos binários que altera a performance na máquina, mas que ao mesmo tempo permite que esta continue a trabalhar de forma não programada. Um exemplo de *glitch* é quando um dispositivo tecnológico está a tocar música e de um momento para o outro o som passa a ser emitido em *loop*. Isto acontece porque quando um código binário de um ficheiro é alterado, a imagem ou o som são reproduzidos de forma corrompida. Este tipo de erros ganhou adeptos que passaram a fazer experimentações nos sistemas, de tal modo que quando o erro é induzido e não acidental dá-se o nome de *Arte Glitch*. Este tipo de arte surgiu nos anos 1990, primeiramente no âmbito musical e depois nas artes visuais.⁵

Em 2012, o termo surgiu aplicado ao feminismo através da estadunidense Legacy Russell (2012), no manifesto *The Glitch Feminist Manifesto*, publicado no *The Society Pages*.⁶ A autora/artista afirma que, ao contrário da sociedade que condiciona as pessoas a terem medo e sentirem incómodo nos erros, o feminismo *glitch* abraça o erro e reconhece-o no sistema social, por si só já perturbado pela estratificação económica, racial, social, sexual e cultural, bem como pela globalização, de tal modo que os processos que realizam violência sobre os corpos podem ser uma errata (*erratum*) necessária, e já não um erro:

O *glitch* de que falo aqui exige uma quebra com a hegemonia de um “sistema estruturado” infundido com a pompa e circunstância do patriarcado, aquele que por muito tempo marginalizou corpos identificados como femininos e que continua a ofender as nossas sensibilidades, oferecendo-nos uma fatia de bolo e assumindo a nossa satisfação. [tradução minha] (Russell, 2012)⁷

⁵ Uma referência na arte *glitch* é Rosa Menkman, autora de *The Glitch Moment(um)* e *Glitch Studies Manifesto*. É possível consultar o seu website em formato *glitch* em: <www.rosa-menkman.blogspot.com>. Um coletivo pioneiro de arte *glitch* é o *Jodi*. O website <www.jodi.org> é um projeto de arte HTML deste grupo, formado por Joan Heemskerk e Joan Heemskerk.

⁶ É possível inserir a ideia de *glitch* numa conceção pós-humanista, na medida em que repensa a noção de ser humano como entidade relacionável com matérias inorgânicas. Contudo, os últimos trabalhos de pós-humanismo, como os de Sara Ahmed, têm focado mais na natureza e não tanto na tecnologia, já que a tecnologia é considerada como pretensão à perfeição, e a natureza “tem a capacidade de criar resistência às marcas culturais” (Sundén, 2015). Mas teóricas como Jenny Sundén (2015) lembram que a tecnologia é também ela indisciplinada e parte integrante dos corpos.

⁷ “This glitch I speak of here calls for a breaking from the hegemony of a “structured system” infused with the pomp and circumstance of patriarchy, one that for all too long has marginalized female-identified bodies, and continues to offend our sensibilities by giving us only a piece of the pie and assuming our satisfaction.” [original]

Jenny Sundén é uma teórica que aplica o conceito de *glitch* no âmbito dos estudos de gênero, com especial enfoque nas identidades trans. A autora apropria-se de outras terminologias da área digital, como “alta-fidelidade” [*high-fidelity*], para se referir ao gênero como uma tecnologia “altamente falível”. Nesta linha de pensamento, como oposição à alta-fidelidade de gênero, o *trans*-⁸ seria o ruído da normatividade cissexual, um erro nos códigos binários de gênero: “Glitch é aquilo que trai a fidelidade do gênero, é a beleza e simultaneamente a tristeza da dor da colisão e o do salto, que em última análise enfatiza a fragilidade do gênero” [tradução minha] (Sundén, 2015)⁹. Influenciada pelo trabalho de Sundén, pretendo alargar este conflito ao capacitismo inerente às expectativas impostas sobre o corpo humano, discutindo o corpo protésico como perturbador da dicotomia capaz/incapaz, e aliado ao corpo sexualmente não normativo. O que proponho é uma análise da corporeidade protésica ou com características sexuais ambíguas – aquela dos corpos transviados – enquanto ruído da normatividade capacitista que atraiçoa a alta-fidelidade do corpo capaz. Se o corpo *glitch* é uma ameaça aos sistemas normativos (Russell, 2013), então, no espectro de corpos *glitch* tem de haver lugar para o protésico, uma vez que este, além ameaçar particularmente a instituição do desporto ao confundir os limites da divisão binária das funcionalidades (capaz/incapaz, normal/deficiente), rompe também com as expectativas sociais tanto estéticas como funcionais: uma pessoa com uma prótese não cumpre com os estereótipos de gênero associados ao seu gênero, lançando-a já para um desvio funcional e sexual. Isso acarreta consequências aos restantes âmbitos da vida, principalmente quando se trata de mulheres, já que há várias instâncias envolvidas conotadas tradicionalmente ao sexo feminino que afetam a não só na esfera pública, como privada, nomeadamente: no papel do cuidado que fica comprometido quando é a própria figura tradicional do cuidado (a mulher) a necessitada de cuidados (Garland-Thomson, 2005); na rejeição da maternidade, porque se uma mulher tem deficiência vê-lhe ser, à partida, rejeitada a capacidade social para desempenhar o papel de mãe (Pinto, 2009); a assexualidade presumida, uma vez que uma pessoa com um corpo fora da norma é tida como incapaz de suscitar interesse erótico ou romântico (Santos e Santos, 2017).

⁸ A autora segue a linha de conceptualização de Susan Stryker, Paisley Currah e Lisa Jean Moore que usam o termo “trans-” prepositadamente com hífen a fim de permitir a abertura da palavra que não permanece, assim, presa a um sufixo.

⁹ “Glitch is that which betrays the fidelity of gender, it is the beauty and simultaneously the sadness and pain of crashing and skipping, which ultimately emphasizes the fragility of gender” [original].

3. Crip – a deficiência como resistência

O termo *crip* corresponde ao diminutivo da palavra *cripple* (aleijadx) e é comumente usado para insultar pessoas com deficiência. Tal como o termo *queer*, que era inicialmente empregado para ofender pessoas homossexuais e depois se tornou um termo com potencial político na afirmação de uma identidade, o *crip* pretende ser uma reapropriação positiva do estigma com cunho afirmativo e reivindicativo de consciência política.

A teoria *crip* foi conceptualizada no livro *Crip Theory* de Robert McRuer, em 2006. Esta teoria consiste em utilizar metodologias dos estudos feministas e da teoria *queer* para examinar a deficiência desde um ponto de vista teórico. Apesar de só ter sido conceptualizada em 2006, McRuer já fazia teoria *crip* anteriormente quando aplicou o conceito “heterossexualidade compulsória” de Adrienne Rich (1986) para falar de um “capacitismo compulsório” (2002). O autor tinha denunciado que interessa ao sistema capacitista que existam categorias *queer* e de deficiência para legitimarem a condição de corpo-capaz heterossexual, protótipo do ser humano ideal. McRuer serve-se, então, de conceitos como “*coming out*” e “heterossexualidade compulsória” para apelar a um *coming-out crip* que supere divisão binária corpo capaz/corpo incapaz inerente à ideologia do “capacitismo compulsório”. Outra reapropriação que o autor fez no âmbito da teoria *queer* foi a do termo “*gender trouble*”, de Judith Butler (1999), para atribuir o problema da deficiência à ideia de “normalidade”, designando-a de *ablitiy trouble*, deslocando, assim, os problemas da deficiência do âmbito pessoal para o âmbito social. O *coming-out crip* preconizado por McRuer passa por assumir uma identidade deficiente ao mesmo tempo que rejeita essa identidade, de forma similar ao projeto *queer*. Uma vez que o projeto *crip* tenciona ser um projeto de rua e não meramente académico, uma das ações reivindicativas de identidade *crip* pelo autor é o uso de uma T-shirt com a mensagem “HIV positive”, deixando a ambiguidade da mensagem em aberto, podendo referir-se ao facto de se ser medicamente HIV positivo ou de ter uma atitude positiva perante o vírus do HIV. A teoria *crip* preocupa-se com os locais de produção de identidade e desta forma faz aqui sentido aplicá-la na produção de identidades não/deficientes nos campos desportivos. Tal como o *queer*, o *crip* é aberto a novas possibilidades, relaciona-se com o devir, com a des-identificação, des-subjetificação e resistência à norma. E como já foi referido, os corpos protésicos, corpos *crip*, e corpos intersexo, são corpos transviados que se desviam da norma estético-funcional porque são inerentemente resistentes a ela.

4. Corpos transviados e arte do fracasso

Se o *glitch* é uma interrupção positiva na normalidade através do erro, então é possível inseri-lo na conceptualização da “arte do fracasso” proposto por Jack Halberstam (2011). No seu livro *The Queer Art of Failure* são expostos modos de ser e conhecer que estão fora do entendimento convencional de sucesso, com o objetivo de destruir a lógica do sucesso e do fracasso, de tal forma que “perder”, “desfazer”, “desconhecer” podem oferecer formas criativas de estar no mundo. Exemplos apresentados são os trabalhos artísticos de fotografia de Brassai nos bares lésbicos de Paris nos anos de 1930, ou as fotografias de mulheres “amigas” de Diane Arbus, trabalhos que transmitem a vida queer, sombria, impossível e bela, da primeira metade do século XX. Se, por um lado, o fracasso tem efeitos negativos, de desilusão e desespero, por outro, denuncia a falsa positividade da vida contemporânea. Nas palavras de Halberstam:

A partir de uma perspectiva do feminismo, o fracasso tem sido uma melhor aposta que o sucesso. Quando o sucesso feminino é medido por padrões masculinos e falhas de gênero muitas vezes significam o alívio da pressão para atingir ideais patriarcais, não ter sucesso na feminilidade pode oferecer prazeres inesperados.¹⁰ (Halberstam, 2011: p, 4) [tradução minha]

O autor faz uma breve referência aos Jogos Olímpicos para dar atenção a atletas que terminam as provas em 4º lugar, com recurso ao trabalho da artista Tracy Moffat. Na altura das olimpíadas de Sydney (ano de 2000), depois de ouvir boatos de que seria chamada para realizar a reportagem fotográfica dos Jogos sem nunca ter sido de facto contactada, Moffat pensou que se ocorresse fotografar momentos dos jogos, o faria a partir da sua visão pessoal, uma visão que raramente é transmitida pela comunicação social: a captação não das vitórias, mas das derrotas. Assim, Moffat dedicou-se a recolher o momento em que atletas terminavam a prova naquele amargo lugar de derrota (mas não uma derrota total) e de quase pódio; o 4º lugar.¹¹ Nas palavras de Halberstam, “o quarto lugar representa uma posição muito única, além da glória, mas antes da infâmia”¹² [tradução minha] (Halberstam, 2011: p. 93). O despercebido quarto lugar acaba por ser um lugar de fracasso e ao mesmo tempo um lugar de quase vitória: “o quarto lugar

¹⁰ “From the perspective of feminism, failure has often been a better bet than success. Where feminine success is always measured by male standards, and gender failures often means being relieved of the pressure to measure up to patriarchal ideals, not succeeding at womanhood can offer unexpected pleasures.” [original]

¹¹ É possível consultar a coleção em:

<https://www.artgallery.nsw.gov.au/collection/works/?group_accession=154.2011.1-26>.

¹² “Fourth represents a very unique position, beyond the glory but before the infamy” [original]

significa que você é quase bom/a” [tradução minha] (Moffatt, 2001). As competições paralímpicas e competições femininas acabam por funcionar como quartos lugares: são igualmente invisíveis, mesmo nos lugares de pódio, e essa invisibilidade opera não apenas a nível daquilo que não chega ao público, através dos escassos meios de divulgação das competições, mas também ao nível do comércio (mulheres e pessoas corpos “desajustados” não são consideradxs consumidorxs porque são minorias no total de atletas), e das igualmente escassas políticas de incentivo ou oportunidades da prática desportiva.

Depois de ter batido o recorde paralímpico de todas as categorias em que competia, o sul-africano Oscar Pistorius tentou participar nos Jogos Olímpicos de 2008. Num primeiro momento, o atleta foi impedido de participar pela Associação Internacional de Federações de Atletismo (IAAF) devido à suposta vantagem que suas próteses¹³ lhe conferiam em relação aos adversários. Esta proibição adveio de uma emenda às Regras de Competição da IAAF (regra nº 144.2) que proíbe o uso de “qualquer dispositivo técnico que incorpore molas, rodas ou qualquer outro elemento que ofereça ao usuário uma vantagem sobre outro atleta que não use esse dispositivo” [tradução minha]¹⁴. Pistorius recorreu no Tribunal Arbitral do Desporto e foi organizada pela IAAF uma corrida gravada por câmaras de alta definição para meticulosa observação da performance a fim de aferir a suposta vantagem. Para além disso, foram feitos exames biomecânicos nas suas próteses e na sua capacidade metabólica. Foi uma longa jornada onde se chegou a decretar por parte das pessoas responsáveis pelos exames que de facto as próteses lhe conferiam vantagem, mas acabou o tribunal acabou por decretar que não houve provas suficientes para confirmar a acusação, tendo conseguido o atleta autorização para fazer as provas de aferição a fim de participar nas competições não paralímpicas.¹⁵ Pistorius acabou por não conseguir obter os resultados mínimos exigidos pela IAAF para competir em 2008, mas nos jogos Olímpicos de 2012 competiu nas provas ditas “normais” e foi o primeiro atleta paralímpico a fazê-lo. Em toda a sua carreira Pistorius sempre competiu tanto em provas para pessoas com deficiência como em provas para pessoas sem deficiência, olímpicas ou não.

¹³ As próteses em questão são as *Cheetah Flex Foot*, ou próteses “pata de chita”, desenhadas por Van Phillips são próteses específicas para corrida, constituídas por fibra de carbono, presentemente comercializadas pela marca Ossur (www.ossur.com).

¹⁴ “any technical device that incorporates springs, wheels or any other element that provides the user with an advantage over another athlete not using such a device.” [original]

¹⁵ Cf. Court of Arbitration for Sport (2008) (jurisprudência do caso).

Também no atletismo, Aimee Mullins, atleta paralímpica, foi a primeira pessoa amputada a competir na Associação Atlética Universitária Nacional, nos Estados Unidos. Para além de atleta é modelo e dá palestras onde fala no “problema de ter doze pares de pernas”¹⁶. A sua fama é tal que algumas das suas próteses estão expostas em museus. Noutra modalidade desportiva, a basquetebolista sérvia Natasa Kovacevic teve uma das suas pernas amputadas em 2013, na sequência de um acidente rodoviário. Dois anos mais tarde, tornou-se a primeira atleta com prótese a jogar numa equipa desportiva profissional na Europa, com autorização tanto da Federação Internacional de Basquetebol (FIBA) como da Liga sérvia.

Apesar do sucesso dentro do “fracasso”, Aimee Mullins, Oscar Pistorius e Natasa Kovacevic são exceções. Pessoas com deficiência são remetidas ou para o abandono desportivo ou para o desporto adaptado, algo que não seria necessariamente negativo se o desporto adaptado fosse tratado com o mesmo valor que o desporto para homens é, e tornado acessível a toda a gente, nomeadamente em termos geográficos já que para quem mora longe das grandes cidades tem dificuldade em encontrar opções de clubes com modalidades adaptadas. A este respeito, estudos mostram que pessoas que nunca praticaram desporto encontraram aí uma nova forma de vida que lhes trouxe autoestima tanto na sua auto-perceção estética como relacional (Sparkes *et al.*, 2014).

Entrando agora no âmbito dos corpos intersexo, a hiperandrogenia corresponde à produção de altos níveis de testosterona e é medicamente definida como um distúrbio hormonal. Pode ser provocada por variações nas características sexuais como por exemplo ter ovários policísticos (neste caso pode não ser considerada de tipo intersexo), ter insensibilidade androgénica (que pode ser parcial ou completa) que inibe o corpo de “ler” a testosterona produzida pelo corpo, ter uma variação na enzima 5 α -reductase que não converte a testosterona em dihidrotestosterona, andrógeno responsável pela modulação dos genitais (Karnath, 2008). E apesar de todas as pessoas, independentemente do sexo, produzirem testosterona, mulheres que a produzam em altos níveis são aconselhadas a realizar terapia hormonal porque existe uma preocupação não só médica mas também social em torno dos efeitos secundários responsáveis por características tradicionalmente associadas à masculinidade, como desenvolvimento de massa muscular, ombros largos e maior quantidade de pêlos no corpo e na face. Mulheres com hiperandrogenia causam especial preocupação ao fairplay desportivo, pois acredita-se que a

¹⁶ Ver a sua participação no TED Talk em www.ted.com/talks/aimee_mullins_prosthetic_aesthetics.

testosterona pode influenciar o desempenho físico. Mas o debate em torno das hormonas é recente. Nas olimpíadas de 1936, o então presidente do Comité Olímpico, Avery Brundage, sustentado pelo facto de dois atletas (o britânico Mark Weston e o checoslovaco Zdeněk Koubek) de competições femininas terem feito no passado uma transição de sexo para o masculino, exigiu que todas as mulheres fossem sujeitas à verificação de sexo. Atualmente sabe-se que estes atletas seriam na realidade intersexo, mas na época foram vistos como “fraudes de género”, homens que competiram disfarçados de mulheres para conquistarem o pódio. No final dos anos 50 e inícios dos 60, com o surgimento da TV, o desporto ganhou popularidade. Nessa altura, a Guerra Fria contribuiu para uma tensão especialmente expressiva nos Jogos Olímpicos, onde os países ambicionavam mostrar a superioridade da nação através dxs atletas. A divulgação de imagens de mulheres com aspeto masculino, especialmente mulheres do leste europeu, entrava em contraste com as mulheres pequenas e “elegantes” da europa ocidental (Pieper, 2016). Ao longo da história do atletismo, os testes de verificação de sexo viram os seus métodos serem aprimorados, passando pela verificação ocular da genitália, depois abandonando este método em detrimento do exame à composição cromossomática nos finais da década de 60, até se chegar ao mais recente método da investigação hormonal. Ao longo dessa mesma história, várias foram as atletas que viram os seus prémios serem-lhes retirados devido a “fraude de género”, como foi o caso da polaca Ewa Klobukowska, que “falhou” no teste de sexo por ter cromossomas XX e XY, para a taça da Europa em 1967, tendo sido impedida de continuar a sua carreira e tendo o seu nome retirado do livro de records da AIFA em 1970 (detinha o record mundial de 100 metros, alcançado em 1965).

Em 2012 as investigações hormonais começaram a ser feitas com a introdução das regras de admissão de atletas com hiperandrogenia nas competições femininas. Esta introdução seguiu-se ao caso de Caster Semenya que em 2009 ganhou o campeonato mundial de atletismo. Semenya era aparentemente demasiado rápida, demasiado musculada e tinha uma voz demasiado grossa para ser uma mulher, ou pelo menos, a mulher a 100%, conforme referiu o secretário-geral da AIFA na época, Pierre Weiss (Longman, 2016). Segundo essas regras, atletas com hiperandrogenia deviam ser submetidas a tratamentos para baixar os níveis da testosterona. Esses tratamentos, para além da terapia de reposição hormonal, podiam implicar cirurgias desnecessárias aos genitais ou às gónadas. De forma similar a Caster Semenya e outras atletas, também a indiana Dutee Chand teve a sua sexualidade colocada em questão por ser demasiado rápida para a baixa estatura. No entanto, Dutee não só se recusou submeter aos

tratamentos hormonais que estavam estabelecidos desde 2012 como também avançou para o tribunal arbitral de desporto. O tribunal pediu à AIFA provas de que a testosterona confere de facto vantagem atlética e as regras de elegibilidade de mulheres com hiperandrogenia foram suspensas. Em 2018 foram restituídas as regras com alterações. A principal alteração encontra-se no valor limite de testosterona que uma mulher pode ter para competir nas provas femininas: 5nmol/L (metade do que era permitido em 2012).¹⁷ Se a atleta recusar submeter-se a tratamentos para baixar o nível de testosterona no sangue pode competir nas provas masculinas.

O “fracasso” anda de mãos dadas com o capitalismo (Halberstam, 2011: p.88); vencedorxs e perdedorxs alimentam a sua lógica, e os pódios dão lugar ao sexo masculino. Quem não ocupa esse lugar está remetidx à invisibilidade e ao lugar da não fala. Qual, então, o potencial transgressor e transformador dos corpos transviados no sistema desportivo? São exemplos anti-normativos que atingem o sucesso por uma antilógica da representação da capacidade? Ou exemplos que se deixaram assimilar pela normatividade por se inserirem nela?

À semelhança do propósito do Homem de Vitruvius como modelo civilizacional e de perfeição humana, o desporto foi feito para um “modelo específico de identidade masculina” (Jacinto, Marques, Almeida, & Carvalho, 2015: 14), sendo que as adaptações às restantes identidades (mulheres cisgénero, pessoas trans, pessoas com deficiência) ocorrem em função desse modelo universal masculino. No entanto, e nas palavras de Brady (2011), “o que mais importa no caso de Caster Semenya não é tanto a possibilidade de ela ser um homem, mas a possibilidade de que ela não ser nem autenticamente homem, nem autenticamente mulher.” Se existisse uma versão feminina de Vitruvius, Semenya e Chand não se encaixariam nem na feminina nem na masculina. Ambas as atletas fracassam em cumprir com os padrões biológicos e competitivos, e este fracasso traz-lhes vitórias. Este fracasso seria, nos termos de Halberstam, uma (dupla) forma de “arte *queer* do fracasso” (Halberstam, 2011), em que modos de ser fora do entendimento convencional de sucesso destroem a lógica binária do sucesso e do fracasso, de tal forma que o erro oferece formas positivas de estar no mundo.¹⁸ As atletas são um exemplo

¹⁷ De acordo com o estudo citado pela AIFA na restituição das regras, mulheres sem diferenças do desenvolvimento sexual têm níveis entre 0.12 e 1.79 nmol/L, mulheres com ovários policísticos podem ter entre 3.1 e 4.8 nmol/L, homens podem ter entre 7.7 e 29.4 nmol/L. Mulheres com diferenças do desenvolvimento sexuais podem ter qualquer um destes níveis (IAAF, 2018: A-9).

¹⁸ “Where feminine success is always measured by male standards, and gender failures often means being relieved of the pressure to measure up to patriarchal ideals, not succeeding at womanhood can offer unexpected pleasures” (Halberstam, 2011: p. 4)

de sucesso no fracasso; sucesso no desafio aos padrões de masculinidade/feminilidade, e desafio esse que oferece formas positivas de estar nas pistas de corrida.

É interessante observar as similaridades entre a arte *queer* do fracasso nos casos de hiperandrogenia com os do desporto adaptado. De forma similar à ameaça que a hiperadrongenia em mulheres representa nas competições femininas, e em ultimo caso masculinas uma vez que permitiria uma mulher ter resultados próximos ao dos pódios masculinos, também as próteses de Oscar Pistorius representaram uma ameaça às competições, masculinas no seu caso. Somos confrontadxs com o desarmamento de todxs aquelxs cujo corpo transvia o padrão corporal de forma mais ou menos visível e que possa ameaçar a lógica sexista do desporto capacitista. Eric Wieihenmayer, famoso alpinista cego que escalou o monte Evareste, descreveu o novo paradigma desencadeado pela rejeição do AIFA à participação de Pistórius nas competições ditas normais: “incapacidade torna-se capacidade, desvantagem torna-se vantagem”. Aquilo que pertence à incapacidade no mundo vulgar, no mundo desportivo assume uma posição de vantagem inglória sobre as pessoas ditas “normais”, seja por motivos de característica sexuais, seja de deficiência. O próprio alpinista sofreu acusações de tomar partido da sua cegueira para subir o monte, pois assim não sofreria vertigens (Weiheinmayer, 2008). Existe um potencial crítico e transformador de paradigmas no corpo transviado, um potencial que abala as concepções de perfeição e capacidade e permite novas formas de ser no mundo.

5. Conclusões

Inicialmente, de forma similar ao *glitch*, o corpo protésico pode parecer “estragado”, falhado; o modo de andar de uma pessoa com próteses pode fazê-la parecer vulnerável, frágil ou monstruosa. Tal como o *glitch*, o erro que exteriormente caracteriza a deficiência, porque ela é de considerada um erro biológico (no caso de deficiência congénita) ou um erro proveniente de um acidente (no caso de deficiência adquirida), tem potencial crítico nas práticas desportivas e nas práticas funcionais em geral. Os corpos estão cada vez mais tecnológicos e neste caminho contam os corpos atléticos, não só aqueles complementados por próteses que substituem partes do corpo biológico, mas todos. As roupas e calçados são cada vez mais tecnológicas, e podemos comprovar isso ao ler uma etiqueta de qualquer produto numa loja de desporto. As próteses *cheetah* podem de facto trazer alguma vantagem em relação ao pé biológico. Quem o afirmou foi o próprio criador e os resultado do estudo feito na sequência do

caso de Pistorius corroboraram essa afirmação: a percentagem da perda de energia das próteses é menor em comparação com a perda de energia do tornozelo. Não obstante, esse estudo não foi suficiente para provar que existia vantagem sobre os outros competidores. O sucesso de um/a atleta não depende apenas dos adereços que ela usa, nem da sua composição biológica, mas de todo um conjunto de fatores que se relacionam, como tempo e condições de treino, nutrição, concentração e *coaching* mental, estado de saúde, oportunidades de formação, entre outros.

Gayatri Spivak questionou se o sujeito subalterno pode falar. Responderíamos que pode falar dependendo do contexto, sendo que não existe um espaço único permeado por elx. No texto de Sundén, a autora conta-nos a história de Isabella, membro da banda de *steampunk* Steam Powered Giraffe, que começou a sua carreira com uma personagem robótica masculina e que após assumir uma identidade trans transformou a sua personagem num *robot* feminino. Isabella deixa transparecer que a vida no palco é mais facilitada que aquela no quotidiano. A vida de atletas paralímpicos será também mais facilitada quando estão em campo do que quando estão em vida social, onde longe dos holofotes a sua voz e a sua existência não ocupam lugar. O *coming-out crip* é um projeto político do fracasso que se insurge contra esta hegemonia capacitista. Talvez seja necessário repensar a organização do desporto, de forma a que as competições sejam organizadas não por capacidade ou por número de membros biológicos *versus* número de membros biónicos e tecnológicos, mas por similitude de desempenho (recorde-se que Pistorius teve de atingir os mesmos resultados mínimos nas provas de aferição, e só o conseguiu em 2012 com muito treino depois de falhar as olimpíadas de 2008). Apesar de ser um trabalho árduo encontrar uma disposição transdisciplinar única de tornar o desporto verdadeiramente inclusivo e justo, é certo que Mullins, Pistorius e Kovacevic, Semenya e Chand, desafiaram os padrões capacitistas e sexistas do desporto e provocaram o *ability-trouble*, por isso fui furtivo pensá-lxs como exemplos que se fizeram ver e ouvir e minaram os espaços normativos com a sua diferença, com o seu *glitch*, com o seu potencial *crip*, com a sua arte transviada. Urge-se o *coming-out crip*, a perturbação dos espaços capacitistas e sexistas desde um ponto de vista não binário, para uma aproximação à representatividade da diversidade que de facto existe, desafiando, numa só ação, a falsa *alta-fidelidade* dos estereótipos de género e de capacidade.

Referências Bibliográficas:

BRADY, A. "Could This Women's World Champ Be a Man?": Caster Semenya and the Limits of Being Human. *AntePodium*, 2011.

BUTLER, Judith. *Gender Trouble*. New York: Routledge, 1999.

COURT OF ARBITRATION FOR SPORT (2008), *Arbitration CAS 2008/A/1480 Pistorius v/ IAAF* [Jurisprudência]. Disponível em: <<http://jurisprudence.tas-cas.org/sites/CaseLaw/Shared%20Documents/1480.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

DURANTEZ, C. Women at Olympia. *Olympic Review*, (101–102), 171–175, 1976.

DURANTEZ, C. Women at Olympia. *Olympic Review*, n. 101–102, p. 171–175, 1976.

FFMS. Praticantes desportivos federados: total e por sexo – Portugal. *PORDATA*, 2018. Disponível em: <<http://www.pordata.pt/Portugal/Praticantes+desportivos+federados+total+e+por+sexo-2229>>. Acesso em: 18 set. 2018.

GARLAND-THOMSON, Rosemarie. Misfits: A Feminist Materialist Disability Concept. *Hypatia* 26 (3), pp. 591-609, 2011.

GARLAND-THOMSON, Rosemarie. Feminist disability studies. *Signs: Journal of Women in Culture and Society* 30(2), pp. 1557–1587, 2005.

HAKIMI, O.; CAMERON, L.-C. Effect of Exercise on Ovulation: A Systematic Review. *Sports Medicine*, v. 47, n. 8, p. 1555–1567, 29 ago. 2017.

HALBERSTAM, J. *The Queer Art of Failure*. Durham: Duke University Press, 2011.

HWANG, K.; GUO, D. Sports-related Male Infertility. *European Urology Focus*, 2018.

IAAF. *Eligibility Regulations for the Female Classification (Athletes with Differences of Sex Development)*, Mônaco. International Association of Athletics Federations, 2018.

JACINTO, E. *et al. A Igualdade de Género no Desporto*. Lisboa: [s.n.]. Disponível em: <<http://comiteolimpicoportugal.pt/wp-content/uploads/2015/10/5-A-Igualdade-do-Género-no-Desporto.pdf>>.

KAFER, Alison. Compulsory Bodies: Reflections on Heterosexuality and Able-bodiedness. *Indiana University Press* 15(3), pp.78-89, 2003.

KARNATH, B. Signs of Hyperandrogenism in Women. *Hospital Physician*, v. October, p. 25–30, 2008.

LONGMAN, J. *Understanding the Controversy Over Caster Semenya*. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/08/20/sports/caster-semenya-800-meters.html>>. Acesso em: 18 set. 2018.

MCRUER, Robert. *Crip Theory: Cultural Signs of Queerness and Disability*. New York: New York University Press, 2006.

- MCRUER, Robert. Compulsory Able-Bodiedness and Queer/Disabled Existence. In: Rosemarie Garland-Thomson et al. (eds.), *Disability Studies: Enabling the Humanities*. New York: MLA Publications, pp. 88-99, 2002.
- MOFFATT, T. *Fourth by Tracey Moffatt*. Disponível em: <<https://www.artgallery.nsw.gov.au/collection/works/154.2011.2/>>. Acesso em: 14 set. 2018.
- MONTEIRO, Joana. *O contributo do Desporto Adaptado para a Integração Social da Pessoa com Deficiência Motora* [Dissertação de Mestrado em Serviço Social], Coimbra: Instituto Superior Miguel Torga, 2012.
- PIEPER, L. *Sex Testing: Gender Policing in Women's Sports*. Urbana: University of Illinois Press, 2016.
- PINTO, Paula Campos. «The Maternal is Political» Exploring Mothering among Women with Disability. *Ex aequo* 23, pp. 67-81, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?pid=S0874-55602011000100007&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 set. 2018.
- RICH, Adrienne. *Blood, Bread and Poetry: Selected Prose, 1979-1985*. London: Virago, 1986.
- RUSSELL, Legacy. Elsewhere, After the Flood: Glitch Feminism and the Genesis of Glitch Body Politic. *Rhizome Blog*, 2013. Disponível em: <<http://rhizome.org/editorial/2013/mar/12/glitch-body-politic/>>. Acesso em: 6 jan. 2018.
- RUSSELL, Legacy. Digital dualism and the glitch feminism manifesto. *The Society Pages*, 2012. Disponível em: <<http://thesocietypages.org/cyborgology/2012/12/10/digital-dualism-and-the-glitch-feminism-manifesto>>. Acesso em: 17 set. 2018.
- SANTOS, A. C.; SANTOS, A. L. Yes, we fuck! Challenging the misfit sexual body through disabled women's narratives. *Sexualities*, v. 21, n. 3, p. 303–318, 2017.
- SPARKES, A., BRIGHTON, J. e INCKLE, K. Disabled sporting bodies as sexual beings: Reflections and challenges. In: J. Hargreaves e E. Anderson (eds.) *Routledge Handbook of Sport, Gender and Sexuality*. Abingdon, Oxon: Routledge. pp. 179-188, 2014.
- SUNDÉN, Jenny “On trans-, glitch, and gender as machinery of failure”, *First Monday* 29(4), 2015.
- WEIHENMAYER, E. *Oscar Pistorius - The 2008 TIME 100*. Disponível em: <http://content.time.com/time/specials/2007/article/0,28804,1733748_1733756_1735285,00.html>. Acesso em: 31 mar. 2017.

Ana Santos: Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra (Portugal).

Artigo recebido para publicação em: setembro de 2018

Artigo aprovado para publicação em: novembro de 2018

Como citar este artigo:

Santos, Ana; Corpos transviados, corpos falhados: a arte *queer* do fracasso no desporto. In REVISTA TRANSVERSOS. "Dossiê: LGBTTQI. HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E RESISTÊNCIAS". N° 14, SET-DEZ, 2018, pp. 150-164 Disponível em < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/index>>. ISSN 2179-7528. DOI:10.12957/transversos.2018.38664.